

José-Manuel Diogo

AS GRANDES AGÊNCIAS SECRETAS



Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

© LEVOIR, Marketing e Conteúdos Multimédia, S. A. (www.levoir.pt)

Direitos para esta edição:

Clube do Autor, S. A.

Avenida António Augusto de Aguiar, 108 - 6.º

1050-019 Lisboa, Portugal

Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21

info@clubedautor.pt

Título: *As Grandes Agências Secretas*

Autor: José-Manuel Diogo

Revisão: Rui Augusto

Paginação: Júlio Carvalho – Artes Gráficas

em caracteres Palatino

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda. (Portugal)

ISBN: 978-989-724-048-5

Depósito legal: 348 964/12

1.ª edição: Outubro, 2012

www.clubedautor.pt

ÍNDICE

Prefácio	11
I. SIS – Serviços de informação portugueses	
1. O príncipe perfeito das informações	19
A decadência e os carrascos	24
2. Ninguém vigiava os regicidas	27
3. O Estoril de Humphrey Bogart	31
4. Operação Dulcineia	37
5. Os Flechas e o turismo de Angola	41
6. SIS, SIED e Luís Vaz de Camões	45
O segredo de Estado	48
Tutela do SIRP	49
O secretário-geral do SIRP	50
Quem vigia os vigias?.....	50
7. Péricles e as informações militares	53
8. O que se passa na Ameixoeira fica na Ameixoeira	57
Barulhos esquisitos e estalinhos	62
9. Al-Qaeda no Euro 2004	65
10. Uma fábrica de bombas da ETA em Óbidos	71
11. O mundo em que vive o SIS	75
Organograma do sistema de informações da República Portuguesa	81
II. CIA – Serviços secretos americanos	
1. Espiões <i>fast food</i>	85

2. Um compasso de espera	89
3. Espiões a tempo inteiro	95
4. A CIA começa a gatinhar	99
5. Porca miséria	111
6. <i>Apocalypse now</i>	119
7. A CIA vai a todas	123
8. A culpa não é do mordomo, é do Saddam	129
9. Andar aos gambozinos	137
Diretores da agência dos EUA ao longo da História	142

III. MI6 – Serviços secretos britânicos no exterior

1. Os avós do James Bond	145
2. De olho no <i>Kaiser</i>	149
3. Espiões atolados nas trincheiras	153
4. Escaramuça de classes	157
5. Entre Belfast e Berlim	163
6. Por baixo da cortina	173
7. Mau tempo no canal	177
8. A morte do velho inimigo	185
9. Na mira da Jihad	189
10. Esqueleto no armário	195
11. Espiões de papel	199
12. O tigre e o espião	203
Diretores do MI6	208

IV. KGB – Serviços secretos soviéticos

1. Fortes, feios e maus	211
2. A Cheka mata	215
3. O arquipélago de Felix Dzerzhinsky	221
4. O feitiço vira-se contra o feiticeiro	225
5. Lavrentiy Beria e a morte aos espiões	229
6. Morre Estaline, nasce o KGB	235
7. O KGB não bebe mojitos	243
8. Quem faz o cerco acaba cercado	255
9. Levantada dos mortos?	265
Diretores da agência russa ao longo da História	268

ÍNDICE

V. MOSSAD – Serviços secretos israelitas	
1. O nascimento de uma nação	271
2. A incubadora da Mossad	279
3. A banalidade do mal	285
4. Asas pelos ares	291
5. Diferentes vinganças	295
6. A nova pedra de David	303
7. África nossa	309
8. O Osama Bin Laden da Mossad	315
9. Uma história incompleta	321
Diretores da agência israelita ao longo da História	324
Principais acrónimos, siglas e agências	325

PREFÁCIO

Tenha cuidado. Tudo neste livro é perigoso. Se insistir, pode até meter-se em problemas. Por isso, pondere se não é melhor fechá-lo e devolvê-lo ao seu lugar.

A minha sugestão é que tenha bom senso. Não se meta em coisas que não conhece. Pode correr-lhe mal.

Ainda está ler? Bom, então não olhe para trás, já não vale a pena. Está agora por sua conta e risco. Boa sorte. E certifique-se de que fala mais baixo da próxima vez que atender o seu telefone.

Tudo o que vai ler nestas páginas é secreto, mas corresponde à mais absoluta verdade. Desde os tempos de Pêro da Covilhã, que foi espiar para o Egito a mando do rei D. João II no longínquo século xv, aos inúmeros protagonistas dos atentados nas Torres Gémeas em Nova Iorque, passaram mais de cinco séculos. Num aspeto, porém, nada mudou: os espões estiveram sempre presentes. Foram muito ativos e influenciaram de forma permanente a memória das nações.

Mais a leste, na grande Mãe Rússia, vamos conhecer com detalhe e arrepiarmo-nos com a principal característica dos espões do leste: a brutalidade. Num país como a URSS, condicionada por fórmulas de controlo totalitárias, nunca o KGB (Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti) sentiu necessidade de se esconder do olhar público: pelo contrário, a visibilidade pública dos seus métodos era um dos pilares da própria sociedade totalitária e repressiva soviética. Quem, conhecendo os métodos do KGB, ousaria dentro da URSS opor-se-lhe? Desde o longínquo século xvi, durante o reinado do czar Ivan IV, até aos tempos modernos, a inteligência russa oferece histórias plenas de crueldade e

barbárie. Os próprios nomes das organizações e dos protagonistas, mesmo em cirílico, parecem sugerir isso mesmo; Grozny, Oprichniki, Cheka, *Gulag*, *Katorga* e Okhrana são nomes que inspiram tanto terror como os seus líderes; Romodanovsky, Dzerzhinsky, Beria, Rachkovsky são dignos de figurar em qualquer galeria de horrores, encimada, sem margem de dúvida, por José Estaline, o responsável por um das mais sistematizadas operações de purga social da História da Humanidade.

Mas se tivéssemos de eleger uma língua oficial para a espionagem esta seria o inglês. O MI6 e a CIA são a principal fonte de informação do imaginário coletivo sobre espionagem, informação e inteligência. Curiosamente, o MI6 não é uma organização relativamente conhecida do grande público. No entanto, se tivermos em conta que a primeira função dos serviços secretos de qualquer país é serem... secretos... não podemos deixar de considerar o MI6 como a mais eficaz e mais pura agência de espionagem do mundo.

E isto é ainda mais notável porque não nos estamos a referir aos serviços secretos de um país com pouca relevância no concerto internacional das nações, mas da Grã-Bretanha, um dos mais influentes territórios do mundo que, durante as primeiras décadas de existência do MI6, criado em 1909, foi mesmo o mais importante.

Tudo sobre o MI6 se reveste de quase absoluto secretismo. Foram necessários quase 80 anos para que Margaret Thatcher, em 1988, reconhecesse finalmente que o MI6 existia e lhe concedesse forma jurídica e constitucional.

Já nos EUA, a CIA (Central Intelligence Agency) não necessitou de se escudar num manto do mais opaco secretismo, pois a atividade da CIA sempre foi conhecida do público norte-americano. Ao contrário da NSA (National Security Agency), cuja existência foi negada durante bastante tempo pelos sucessivos governos norte-americanos (ao ponto de a sigla NSA ser sarcasticamente considerada nos EUA como significando «No Such Agency», ou seja, «essa agência não existe»), os diferentes presidentes sempre usaram a CIA para oferecerem à população norte-americana um sentimento de segurança. Raras agências terão sido alvo de tão grande quantidade de operações como a CIA, desde a suposta participação no assassinato do presidente John F. Kennedy a ligações à máfia ítalo-americana de Sam Giancana, passando por acusações mais ou menos pitorescas, como a participação no encobrimento da presença extraterrestre no planeta Terra, o chamado e bastante propalado, até hoje, caso Roswell.

Mas poucas histórias de agências de inteligência se confundem tanto com a do seu próprio país como a *Ha-Mosad le-Modi'in u-le-Tafqidim Meyuhadim* («Instituição para Inteligência e Operações Especiais»), conhecida apenas como Mossad («Instituição»). A Mossad nasce praticamente com a criação do Estado de Israel e, desde o início, os governantes israelitas viram a agência como um ator privilegiado, se não mesmo essencial, na luta pela sobrevivência da nova e pequena nação. David Ben-Gurion, o primeiro chefe de Governo israelita, tinha esta noção bastante clara na sua mente quando disse «desde a sua criação, o nosso Estado está cercado por inimigos, a espionagem constitui a primeira linha de defesa: temos de aprender a reconhecer bem o que se passa à nossa volta».

A ideia de um Estado constantemente ameaçado pelos seus vizinhos está gravada não apenas no âmago da nação israelita, mas também nos corações dos seus serviços secretos, cujo lema «Pelo engano, farás a guerra» traduz de forma desassombrada a maneira como a Mossad se entende a si própria: não uma agência apenas responsável por obter informações em tempo de paz ou de guerra, mas uma organização em diário estado de guerra contra os inimigos de Israel, onde quer que eles se encontrem.

Por fim, os espões da casa... que muitas vezes fazem milagres. O SIS (Serviço de Informações de Segurança) tem pouco menos de trinta anos de existência. Quando comparado com os seus congéneres e parceiros da mesma área geopolítica, muitos deles com o lastro de décadas de atividade e várias guerras no currículo, percebemos que o SIS está ainda a trilhar o seu caminho e mal saiu da primeira infância. Com má imprensa e ainda pior opinião pública, a secreta portuguesa queixa-se de ver a sua ação fortemente condicionada pela lei e de muitas vezes estar reduzida a funções que poderiam ser desempenhadas por um mero gabinete de estudos que tratasse da informação aberta, ou seja, aquilo que é conhecido através da comunicação social, de documentos não publicados ou conversas informais.

Parte desta má imagem resulta do espectro marcante da PIDE e da DGS, que continua a assombrar a atividade das secretas, e da sensação muito enraizada na opinião pública de que o SIS é instrumentalizado politicamente para servir os objetivos corriqueiros de quem ocupa o poder em determinado momento. Mas é na lei fundamental que nasce o lugar-comum tantas vezes citado de que não há liberdade sem segurança.

No entanto, por manifesto fatalismo histórico, teme-se sempre que a exigência da segurança coloque ameaças inaceitáveis à liberdade.

O conceito das informações traduz a famosa expressão «*intelligence*»: conhecimento e análise profunda sobre os fatores que condicionam a segurança nacional e que fazem dos serviços secretos a primeira linha de defesa e segurança de um país. O SIS, fundado em 1985, é o último elo de uma cadeia secular de guardiões que abraçaram esse papel, com altos e baixos, ora ilustre, ora reprovável. São as sentinelas.

Russos, Ingleses, Americanos, Israelitas, e mesmo os Portugueses, investiram muito dinheiro e competência nas suas agências de inteligência e nos seus espões. Muitas vezes eficientes, outras vezes desastrosos, muitas vezes honrados e patriotas, outras vezes conspiradores e pouco escrupulosos, homens e mulheres dedicaram a sua vida, às vezes literalmente, a tentar saber de forma dissimulada o que lhes estava vedado.

Sempre sob a aparência de gente normal, os espões reais vivem entre nós sem o *glamour* das estrelas de cinema que os tornaram famosos. São o vizinho do lado, o colega de trabalho ou o diretor do hospital.

Se alguma vez o confundiram com outra pessoa; se viu o rato do computador mover-se sozinho sem que ninguém lhe mexesse, ou a palavra-chave do seu computador mudou sem explicação; se perdeu a carteira com documentos e ela apareceu misteriosamente algum tempo depois; se recebeu uma carta das Finanças ou da Segurança Social a pedir-lhe coisas absurdas que não lhe eram destinadas; se o seu telemóvel fez ruídos estranhos parecidos com interferências de rádio; se o mesmo carro está estacionado muitas vezes à sua porta – o mais provável é que a sua vida se tenha cruzado com o mundo paralelo dos espões. E se alguma destas coisas lhe acontece com frequência, então não tenha dúvidas: foi apanhado na teia. Ou pode vir a ser recrutado. Os estados e as empresas gastam muito dinheiro, energia e mão de obra a tentar saber, sem autorização, coisas sobre outros estados e outras empresas. Códigos secretos, fórmulas químicas, identidades falsas, documentos desconhecidos, planos de guerra, esquemas nucleares, armas escondidas, viagens misteriosas, fármacos valiosos e tudo o resto que puder significar uma vantagem.

PREFÁCIO

Já tocou o seu telefone? Ainda não? Espere um pouco.

A sua viagem está prestes a começar. Se chegou até aqui, agora já não pode desistir. Mas cuidado: depois de virar a página, este livro vai auto-destruir-se em 5, 4, 3, 2...

José-Manuel Diogo
Lisboa, 31 de agosto de 2012

I

SIS

(SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO PORTUGUESES)

O PRÍNCIPE PERFEITO DAS INFORMAÇÕES

«Tal há de ser quem quer, com o dom de Marte,
Imitar os ilustres e igualá-los:
Voar com o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos e evitá-los,
Com militar engenho e subtil arte
Entender os inimigos e enganá-los,
Crer tudo, enfim, que nunca louvarei
O Capitão que diga: “Não cuidei.”»

Luís Vaz de Camões
Os Lusíadas (Canto VIII)

Apesar de Portugal ser um pequeno país, tanto no contexto europeu como nas relações atlânticas, a sua relação com os espões é bem mais antiga do que se possa pensar. Ao longo de séculos de história, foram muitos os reis portugueses que perceberam a relevância da recolha de informações como instrumento indispensável para terem sucesso nas suas estratégias, quer nas relações internacionais, quer nos jogos de poder internos, quer nos objetivos económicos e comerciais que tinham debaixo de olho em outras regiões do mundo.

O próprio processo de reconquista territorial e de unificação política de Portugal, com D. Afonso Henriques, que remete logo para a fundação do país, foi sustentado pelo trabalho aturado de agentes que recolhiam informação nas fases preparatórias dos ataques às defesas muçulmanas, e de que a conquista de Santarém, em 1147, é um excelente exemplo.

Esta tradição manteve-se durante séculos. Juntos, D. João I e o seu Condestável, D. Nuno Álvares Pereira, elaboraram um minucioso estratagema de recolha de informações, que foram depois analisadas e tidas em conta na elaboração da brilhante tática que acabou por garantir a vitória portuguesa na Batalha de Aljubarrota, em 1385. Mas seria com D. João II que a importância das informações viria a ser traduzida em termos práticos como instrumento fundamental da estratégia da Coroa.

D. João II passou à História como o Príncipe Perfeito, e perfeita terá também sido a sua política externa alicerçada em decisões esclarecidas e estrategicamente pensadas em função da informação privilegiada de que dispunha, e de que é expoente máximo o Tratado de Tordesilhas, em 1494, um dos acontecimentos mais importantes na história das relações internacionais.

D. João II foi precursor do segredo de Estado e da salvaguarda dos segredos ou da tecnologia em que baseava a sua política de expansão marítima: proibiu a venda de caravelas a entidades terceiras, bem como a divulgação dos seus planos de construção; instituiu penas severas para quem violasse o sigilo imposto; pilotos, mestres e marinheiros eram proibidos de servir nações estrangeiras rivais; restringiu o acesso a certos níveis de informação; livros de bordo, registos de escritões de bordo, cartas de marear, mapas, livros de marinharia, de astronomia ou de viagem ou roteiros eram, como é habitual dizer-se hoje, material classificado e património secreto da Coroa.

Como se isto não bastasse, com D. João II foi elevada a política de Estado o ardil deliberado para levar os adversários ao engano, como a elaboração de fraudes cartográficas ou de lendas que foram postas a circular sobre características únicas das caravelas portuguesas, verdadeiros prodígios de engenharia naval, que lhes permitiam ultrapassar todas as dificuldades colocadas por grandes viagens marítimas, espantosas criaturas mitológicas e fenómenos da meteorologia. Estes segredos eram propriedade do reino e permitiam, como escreveu Luís Vaz de Camões, em *Os Lusíadas*, no Canto VIII, «Adivinhar perigos e evitá-los», o mote que figura atualmente no brasão do SIED (Serviço de Informações Estratégicas de Defesa).

Quando muitas das potências estrangeiras nossas rivais – Espanha, Inglaterra ou França – ainda confiavam nas informações esparsas e de duvidosa credibilidade recolhidas por nobres amadores na arte de espiar, Portugal montou, durante o reinado de D. João II, uma rede de espões diligentes que a todos os níveis se poderia considerar quase profissional. De entre os mais destacados contam-se, sem dúvida, aqueles que ficaram conhecidos como os «lançados» (ou «tangomãos»), cuja missão era recolher informações em África, que Portugal começava então a explorar.

Ao contrário do que o nome possa indicar, esses homens não eram, felizmente para eles, lançados borda fora das caravelas portuguesas, mas deixados na costa africana, de onde deviam partir para o interior,

para tentarem obter informações sobre a costa oriental de África e sobre o mítico reino do Preste João que pudessem ser de utilidade à Coroa.

Não devemos negligenciar a coragem destes lançados. Se pensarmos no muito que arriscaram os espões britânicos e norte-americanos durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria, sujeitando-se constantemente a serem descobertos, detidos ou mesmo assassinados, em Lisboa, Berlim ou Viena, por agentes da Gestapo, KGB ou Stasi, o que dizer dos lançados, cristãos devotos – como todos os portugueses e restantes europeus na época – e, por conseguinte, crentes na visão ptolemaica do mundo, patrocinada pelo Vaticano, onde o Universo girava à volta da Terra, que eram deixados sozinhos em terras desconhecidas e distantes, que, segundo todos os mapas, estavam repletas de monstros aberrantes cuja única inclinação parecia ser matar e comer cristãos?

Muitos dos lançados já tinham estabelecido contacto com os mercadores e comerciantes árabes, e portanto sabiam que, até certo ponto, a África berbere não era habitada por mostrengos, mas do Sara para baixo nem os árabes podiam garantir que tal não pudesse ocasionalmente suceder. Desconhece-se hoje em dia o destino da maioria deles, porém, tendo em conta que o termo «tangomão» ou «tangomau» significa atualmente «aquele que morre ausente ou desterrado da pátria», é de crer que a sorte de grande parte deles não tenha sido muita e que possam ter perecido às garras de um qualquer Adamastor.

Entre os mais famosos desses protoespões portugueses encontra-se Afonso de Paiva, que começou como um pouco carismático cobrador de impostos em Castelo Branco e morreu, no Cairo, em 1490, depois de uma jornada épica de recolha de informações na fase preparatória da viagem de Vasco da Gama à Índia, na companhia de Pêro da Covilhã, por ordem expressa de D. João II. Antes de Afonso de Paiva, um outro aventureiro, João Fernandes Lavrador, tinha sido lançado em África para explorar a região do Rio do Ouro (na atual Mauritània) durante meses, aproveitando, não se sabe bem como, para aprender num ápice a língua das tribos locais. Nessa altura, João Fernandes Lavrador era apenas conhecido como João Fernandes, tendo ganhado a sua alcunha quando, com autorização de D. Manuel I para explorar o Atlântico Norte, descobriu vastas terras no que viria a ser o Canadá, ficando com a maior parte delas como sua propriedade privada e dando-lhes o seu nome, que ainda hoje mantêm. Morreu em 1505, lavrador e, mais que tudo, bastante rico.